

A CONEXÃO AFETIVA ENCONTRA CAMINHOS NA CONEXÃO VIRTUAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE TERCEIRA IDADE E INCLUSÃO DIGITAL

Cristina Brisolara; Mônica Cristine Fort; Ivania Skura

Universidade Tuiuti do Paraná, UTP

krisbcb@hotmail.com; monica.fort@yahoo.com.br; ivaniaskura@hotmail.com

Resumo: O Brasil enfrenta uma realidade que começa a ganhar força social relevante devido à tendência de crescimento da população idosa, para o qual contribuem as baixas taxas de natalidade e de mortalidade, o que aumenta significativamente o número de idosos no conjunto da população do país. No que diz respeito à inclusão digital, a sociedade contemporânea percebe-se desafiada a responder qualitativamente às demandas da tecnologia que afetam a multiplicidade das dimensões humanas, principalmente com relação aos idosos. O artigo toma como ponto de partida a relação entre o sujeito na terceira idade e o ambiente digital, em especial a internet, tendo como objeto a análise das possíveis consequências decorrentes da interação entre conectividade como forma de integração social e a influência deste ambiente digital no cotidiano que se reflete no contexto entre saúde mental e independência na vida diária.

Palavras-chave: Idoso, internet, tecnologia, envelhecimento.

Introdução

O aumento do envelhecimento populacional é um fenômeno mundial, estima-se que em 2050, 25% da população global terá 60 anos com expectativa de vida para os países desenvolvidos de 87,5 anos para os homens e 92,5 para as mulheres (IBGE, 2010).

Os últimos trinta anos foram marcados por significativas mudanças no padrão demográfico brasileiro. Profundas transformações sociais, políticas e econômicas redundaram em diminuição das taxas natalidade e de mortalidade infantil e permitiram o aumento da longevidade da população brasileira, até então majoritariamente jovem. O país constata as transformações em sua pirâmide demográfica que passa a apresentar paulatinamente elevação no número de pessoas adultas e idosas e precisa estar preparado para atender as necessidades e especificidades dos indivíduos nessas faixas etárias. No Brasil, o número de idosos (acima de 60 anos de idade) passou de 3 milhões em 1960, para 7 milhões em 1975 e 14 milhões em 2002 (um aumento de 500% em quarenta anos) e estima-se que alcançará 32 milhões em 2020 (LIMA-COSTA, 2003).

Desde 2004, o relatório do IBGE indica perspectivas de diminuição relativas à demanda de atenção às crianças e aos jovens e aumento de serviços e recursos voltados a adultos e idosos. O aumento da expectativa de vida deve-se em parte aos avanços da medicina, pelas melhorias de

um sistema preventivo de saúde, bem como, das políticas públicas que nos últimos anos intensificaram as ações ao público da terceira idade com o intuito de promover um viver mais saudável. O Estatuto do Idoso (2003), em seus Artigos 20 e 21, institui que é direito do idoso o acesso à educação, respeitando a sua peculiar condição de idade, assim como aponta no parágrafo 1º: “cursos especiais para idosos que incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação computação e demais avanços tecnológicos para a sua integração à vida moderna”.

O documento da Organização Mundial da Saúde (OMS) define o sujeito idoso a pessoa com 60 anos ou mais em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. No entanto, tais convenções não representam um diagnóstico, visto que, o fato de atingir esta marcação cronológica já não reflete o novo perfil desse sujeito que, em meio ao crescimento demográfico está cada vez mais participante e ativo em diferentes nichos sociais. A pesquisadora Vitoria Kachar (2003, p. 38) diz que “o envelhecimento não é algo que se dá a partir dos 60 anos, apesar de ser uma idade demarcada para a categoria de idosos, é um processo contínuo, tanto nos aspectos biológicos como sociais”. Na perspectiva do desenvolvimento humano, a velhice é a última etapa do ciclo vital e a inclusão digital na terceira idade é um desafio atual, a migração de idosos para a era digital neste contexto vive um momento ímpar já que, daqui a algumas décadas, os jovens de hoje terão nascido na era digital, desta forma esse momento transitório é único.

Pensar em inclusão digital para a terceira idade é pensar na aproximação de dois universos aparentemente divergentes, considerando que esta geração não teve acesso às tecnologias como parte do seu cotidiano, “[...] o volume de informações produzido para circular na web agora cresce exponencialmente. Já atingiu proporções inimagináveis para a geração educada num mundo sem os dispositivos eletrônicos de conexão instantânea (e de instantânea desconexão)”, (BAUMAN, 2010 p. 214). No entanto, apesar das dificuldades iniciais a movimentação nesta direção já está acontecendo.

A complexidade de aprendizado dos recursos necessários para o seu acesso (a tela, teclado, mouse, sistema operacional etc.), é um dado de realidade a ser gerenciado pelos instrutores que capacitam os idosos nessa habilidade. O medo e a insegurança, no entanto, aos poucos vão cedendo espaço para o aprendizado e para os significados psicológicos e sociais que este público-alvo vai obtendo através dos desafios vencidos. Apesar de existirem, [...] “as barreiras relacionadas à idade avançada estão sendo contornadas, com a ocorrência do envelhecimento populacional o conceito de capacidade funcional emergiu como a medida mais operacional da saúde” (RAMOS, 2003, p. 793). Isso significa que proporcionar a autonomia e independência na vida diária dos idosos irá capacitá-los para as atividades do dia a dia frente às inovações do

contexto no qual estão inseridos tais como caixas eletrônicas, celulares, câmeras fotográficas digitais, GPS, TVs digitais, videogames.

A partir dessa conjuntura, surgem novas demandas relacionadas à saúde do idoso, especialmente as que priorizam o bom funcionamento cognitivo, elevação da autoestima, disposição ao aprendizado e doenças de incapacidades funcionais. Neste sentido, a inclusão digital atende a essas necessidades, já que algumas de suas características são a de facilitar as formas de comunicação e estimular o aprendizado das ferramentas computacionais. “[...] Mesmo com algumas dificuldades (memória, visão, audição) para a habilidade na comunicação mediada por computadores, a parcela da população que mais cresce como usuária das redes sociais digitais é constituída por idosos” (STACHESKI, 2013).

O avanço tecnológico promoveu (e ainda promove) mudanças em vários aspectos da cultura atual e esta, segundo Lemos (2010, p. 127), “associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.) vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura”. Entende-se o termo, no presente texto, como o próprio autor André Lemos, conceitua: “a cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente” (LEMOS, 2003, p. 1). As transformações que incidem no cotidiano das pessoas na terceira idade, apesar das dificuldades iniciais, acenam para um processo positivo no que diz respeito à retomada de atribuições antes delegadas a familiares e terceiros.

Um novo conceito de universo (enquanto conhecimento) desponta para esses sujeitos no que diz respeito às descobertas e formas de comunicar-se. Pierre Lévy (1999) traça as suas percepções sobre o crescimento do ciberespaço, (meio de comunicação que surge da interconexão de computadores) e o conseqüente surgimento da cibercultura, que expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p.15). E neste cenário de múltiplas configurações, a necessidade de integrar-se às novas formas de comunicação se faz presente em todas as fases do desenvolvimento, especialmente na terceira idade, visto que o valor da conectividade (afeto) é o humano.

Neste artigo, procura-se evidenciar as transformações que incidem na vida dos idosos a partir da inclusão digital através da sua vertente mais importante, a comunicação representada por intermédio da internet como agente de promoção na melhoria da qualidade de vida na terceira idade, bem com as dificuldades que o sujeito da terceira idade enfrenta ao aproximar-se deste contexto frente às demandas relacionadas ao processo de aprendizagem que este transcurso exige. Desta forma cabe investigar quais as alternativas oferecidas aos idosos para alcançar este

propósito e de que forma o sujeito idoso está administrando os conhecimentos adquiridos nas Tecnologias de informação e comunicação.

O presente trabalho é organizado em três seções além da *Introdução*, *Considerações finais* e *Bibliografia*. Em *Velhice, Idoso e Terceira idade* inicia-se discorrendo sobre o envelhecimento, em seguida *O “novo velho” (o “velho novo”)* e *a exclusão/inclusão digital* apresenta a relação do sujeito da terceira idade neste cenário e por último é abordado o momento atual sobre *A Terceira Idade Conectada*.

No que se refere à metodologia adotada neste artigo, tal reflexão lança mão de recursos bibliográficos de caráter qualitativo para o levantamento de informações.

Velhice, Idoso e Terceira Idade

Foi através da transformação nos perfis demográficos que diversos países, inclusive o Brasil, lançaram um novo olhar sobre a terceira idade. A maneira de se abordar o assunto está sendo discutida em diferentes campos da cultura com o intuito de analisar, problematizar e propor novas formas de compreensão a respeito do desenvolvimento humano. A Psicologia do Envelhecimento a Biologia, a Medicina na área de Geriatria, Sociologia e a Gerontologia são âmbitos do saber que buscam constituir uma área de convergência aos processos relacionados com a velhice, caracterizando-se como um campo de estudos multidisciplinar.

A velhice deve ser entendida como um desenvolvimento natural da vida, como o nascimento, crescimento e amadurecimento que traz consigo algumas alterações sofridas pelo organismo, consideradas normais para esta fase. Envelhecemos desde o momento em que nascemos, logo, “se envelhece conforme se vive” (MESSY, 1999, p. 18). Ao abordar esse assunto, é preciso lembrar que

...este conceito foi criado na França em 1962 em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice, visando à transformação da imagem das pessoas envelhecidas, substituindo termos como velho e velhote, sendo adotado no Brasil logo depois. Idoso é o sujeito do envelhecimento (PEIXOTO, 1998, p. 69).

Portanto, “[...] podemos então considerar o envelhecimento como um processo, a velhice como uma etapa da vida e idoso como o resultado e sujeito destes” (NETO, 2002, p. 12). A terceira idade traz consigo as demandas de cuidados com a saúde de uma forma mais ampla, mas também se caracteriza por um envelhecimento ativo e independente, voltado para a integração e autogestão.

...a terceira idade é um termo que vem para fazer um corte na velhice, separando os jovens velhos dos mais velhos, ou seja, aquele recém aposentado,

que continua em atividade é considerado pertencente à terceira idade e aqueles que já avançam um pouco mais na idade, estes são considerados idosos (PEIXOTO, 1998. p. 69).

Dentro do universo geracional se constitui um segmento de pessoas consideradas idosas, apresentando outra configuração: “parece agora importante distinguir os jovens idosos dos idosos velhos. [...], ou seja, [...] “surge uma nova expressão na nomenclatura francesa para classificar as pessoas de mais de 75 anos: é a *quarta idade*.” (PEIXOTO, 2007, p. 79), essa sim identificada com a imagem tradicional da velhice, quando há uma ou duas patologias associada decorrentes de doenças degenerativas da velhice e/ou em condições de fragilidade, invalidez e dependência.

O “novo velho” (o “velho novo”) e a exclusão/inclusão digital

Por longos anos, o número de estudos sobre este assunto foi ínfimo, mas a (re)descoberta da velhice se tornou um campo para leituras contemporâneas promovendo novos significados para as atribuições desta etapa da vida. Assim, esta mudança de percepção

...acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família (SILVA, 2008, p. 161).

Essa atual forma de interpretar a terceira idade estabelece um modo de redefinição de costumes e comportamentos que configuram uma recém-adquirida visão de mundo e de sociedade. As instituições de ensino superior exerceram papel fundamental ao criarem o que se denominou de Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati), oferecendo programas voltados à educação permanente de adultos maduros e idosos. De acordo com Prado (2011, p. 1), no Brasil existem cerca de 150 Unatis em diferentes cidades e estados. As experiências promovem a integração universidade-idoso-comunidade que funcionam como centros de convivência, minimizam a solidão, agrupam idosos em diversos tipos de atividades, inclusive de informática, com a supervisão de profissionais qualificados. Ao proporcionar a integração dos idosos nas Unatis ocorre naturalmente o contato intergeracional promovendo além de uma rica troca de conhecimento a revisão de crenças e atitudes relacionadas a essa fase da vida.

Pensar em inclusão digital é reconhecer que, no caso dos sujeitos da terceira idade, há a exclusão, não só pelas muitas formas de conceituar essa palavra caracterizada por ser centrada no estado de privação, seja ela familiar, econômica ou social, mas também porque se refere atualmente às pessoas que não têm acesso às redes digitais ou que não sabem utilizar as

tecnologias da informação (idosos ou não), “cada novo sistema de comunicação fabrica seus excluídos” (LÉVY, 1999, p. 237).

A dificuldade em utilizar um equipamento eletrônico cria uma nova forma de isolamento apelidada de “analfabetismo digital”, configurando um desafio imediato, que apesar dos contratempos, os idosos demonstram estar dispostos a enfrentar. O adulto idoso se percebe em dois cenários, onde a informação está ao mesmo tempo disponível e restrita. Disponível a todos, mas restrita a quem sabe acessá-las. Não se trata apenas da perspectiva de ter ou não acesso aos equipamentos e conexão, é preciso estimular e favorecer a independência das pessoas “Não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade”. [...] Em outras palavras,[...] “as políticas voluntaristas de luta contra as desigualdades e a exclusão devem visar o *ganho em autonomia* das pessoas ou grupos envolvidos” (LÉVY, 1999, p. 238).

Compatibilizar com uma sociedade tecnológica demanda interesse e vontade, além de processos cognitivos, pensamento, consciência, comportamento emocional, aprendizagem e linguagem, além da questão da inclusão digital, que proporciona a inclusão “Podemos atuar na perspectiva da prevenção, na medida em que podem ser estimuladas funções cognitivas em situações específicas de ensino e aprendizagem com pessoas de 45 anos ou mais” (KACHAR, 2010, p. 136). Importantes estudos demonstram que a plasticidade mental¹ (ou neuroplasticidade) se mantém ativa bastando para isso algum esforço cognitivo. “Em novembro de 1988, Peter S. Eriksson, do hospital universitário Sahlgrenska, em Gotemburgo, Suécia; membro de nossa equipe do *Salk Institute for Biological Studies*, em San Diego; e diversos outros colegas publicaram a notícia de que o cérebro humano maduro continua a gerar neurônios regularmente em pelo menos um local, o hipocampo, área importante para a memória e a aprendizagem (KEPERMANN; GAGE, 2016). Isso significa que, mesmo quando o processo de crescimento do cérebro é finalizado na primeira infância, os dendritos (ligações entre os neurônios) podem crescer e criar ligações entre si se a mente continuar a ser estimulada a aprender.

Dessa forma, fica claro que as atividades que promovem o estímulo cognitivo produzem ganhos nas esferas física e psicológica que por sua vez favorecem ações pessoais de idosos relativas à integração familiar e social. Neste sentido, Mosquera (1985) salienta que a educação de adultos está sendo impulsionada pelo crescimento das ciências e das tecnologias, formando o

¹ Plasticidade Mental ou Neuroplasticidade é “a capacidade do sistema nervoso central em modificar sua organização estrutural própria e de funcionamento em resposta a condições mutantes, aprendizados e a estímulos repetidos” (FERREIRA, 2009, p. 56), ou ainda “é uma propriedade inerente ao sistema nervoso com a capacidade de modificar o seu funcionamento e de se reorganizar através de alterações ambientais ou de lesão” (WAJNSZTEJN, 2009, p. 30).

que denomina de Sociedade do conhecimento. E, ainda, “o aprender na vida adulta não aparece como algo linear ou estereotipado” (MOSQUERA, 1985, p. 27). Portanto, é possível, com base em novos espaços de conhecimento, proporcionar aprendizagem diferenciada através das tecnologias via inclusão digital.

Mesmo que para os idosos ainda seja recente esta migração para contexto digital, o que permanece em destaque é a essência da comunicação no sentido de (re) encontro, partilha diálogo e expressão. A internet proporcionou inegável auxílio na medida em que diminui a solidão, aumenta a frequência de comunicação entre familiares e amigos, proporciona informações relacionadas aos seus interesses e, sobretudo, estreita as relações intergeracionais, além de resgatar a autoestima, pois mesmo que de forma básica, o domínio da informática restabelece um padrão de controle da vida pessoal. Ter condições de aprender, de se atualizar e acompanhar os avanços tecnológicos pode representar para os usuários idosos uma forma de não serem vistos como indivíduos antiquados e desocupados. Desta forma, ao utilizarem estas ferramentas suportadas pela internet

...percebem que podem interagir, através de redes sociais, e-mails e mensageiros instantâneos, com parentes distantes e amigos com quem não tinham contato há muito tempo. Além de reduzir distâncias, o uso da rede facilita a vida social daqueles que, por motivos de limitação física, acabam se isolando em casa (PETERSEN, KALEMPA, PYKOS, 2013, p.123).

A sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que apresenta novas formas de comunicação através do ciberespaço, promove também o surgimento de uma recente (e única) referência para esses “aprendizes experientes”, visto que esta será a primeira geração de idosos a desenvolver habilidades para a inclusão digital, já que os próximos daqui a 30 ou 40 anos já terão nascido na era cibernética.

A conexão afetiva encontra caminhos através da conexão digital, a comunicação virtual aproxima, reintegra e coloca em nova perspectiva o conceito das relações de importância e amizade para uma geração cujos valores estavam centrados na força da palavra e comprometeram emocionais pautados em recursos adquiridos pela experiência de vida. “A ansiedade e a audácia, o medo e a coragem, o desespero e a esperança nasceram juntos. Mas a proporção em que estão misturados depende dos recursos que possuímos” (BAUMAN, 2008, p. 180). Esta é a geração que aprende, mas também ensina.

Os tempos mudaram. “Em relação à remoção do momento histórico, é importante destacar que a própria demarcação do tempo e o estabelecimento de referências históricas têm complexidade aumentada na pós modernidade” (MARQUIONI, 2013, p. 12). A forma de

administrar o tempo, apesar de complexa, atende a conceitos imutáveis que são demarcados pelas horas e calendários, e sobre tempo é possível inferir que esta geração de idosos tenha uma nova forma de compreensão, já que são diretores, atores e espectadores de um período cultural de transformações constantes.

As reuniões familiares e sociais transcendem o espaço físico e aportam em vários contextos transformando até mesmo a maneira de assistir TV, que atualmente é uma das possibilidades tecnológicas acessíveis que está disponível. “A miniaturização dos dispositivos e a mobilidade habilitada com a possibilidade de assistir TV no celular (ou em horários alternativos utilizando os *sites* das emissoras ou *sites* de compartilhamento de vídeo na internet” (MARQUIONI, 2013, p. 16).

Assim como os tempos, as famílias também mudaram, “a complexidade da contemporaneidade e a reconfiguração de estrutura familiar requerem que formas alternativas de reunião ocorram” (MARQUIONI, 2013, p. 17). E ainda, “considera-se então que o compartilhamento cultural e a sensação de pertencimento se dão pelo compartilhamento dos conteúdos (independente da plataforma através da qual esse conteúdo é acessado, da presença física ou do acesso simultâneo) e o sentimento de comunhão permanece (apenas migra entre plataformas)” (MARQUIONI, 2013, p. 17). E este parece ser o caminho encontrado pelos idosos a fim de (re) definir o roteiro de vida.

A Terceira idade conectada

O Boom da conexão sênior está acontecendo! E é agora! Essa é a conclusão da Pesquisa Nacional 60+ e a internet realizada pelo Instituto Locomotiva de 7 a 16 de janeiro de 2016, ela aponta que o Brasil tem 5,2 milhões de idosos conectados e que teve um aumento de 940% nos últimos oito anos. Os dados apontam ainda que o interesse dos idosos pelo mundo virtual cresceu em compasso de igualdade por ambos os sexos, o que varia é a idade: 51% tem entre 60 e 64 anos, 27% de 65 a 69 anos e 22% tem mais de 70 anos. A maioria dos conectados está na região sudeste 60%, pertencem às classes A e B e tem curso superior.

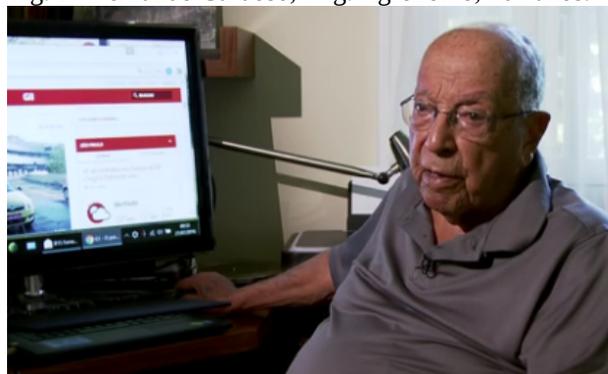
De acordo com a mesma pesquisa existem dois motivos básicos para os idosos se conectarem: a busca de informação e a comunicação com os familiares, filhos e netos. Em seguida a manutenção de amigos, socialização, lazer e compras. Nesta perspectiva, o mercado está bem otimista, visto que a mudança de comportamento dessa classe consumidora vem estimulando investimentos de produtos e serviços voltados a idosos com resultados bem positivos. Em reportagem para o *site* Correio 24 horas, o caderno de economia traz em destaque:

*Bom freguês: empresas estão de olho no poder de consumo dos maiores de 60*². José Nilo Meira, gerente da unidade de Acesso a Mercado do Sebrae Bahia, diz: “Estamos falando de pessoas que têm dinheiro, tempo e vontade de gastar”. E ainda complementa: “...entre os segmentos mais promissores estão os negócios na área de alimentação, cosmético, confecções, turismo e saúde”.

Existem peculiaridades na interação dos idosos com a internet devido a seus objetivos e experiências e isso gera uma demanda específica já sinalizada pela parceria entre a Apple e a IBM sobre trabalhar em conjunto nos produtos da empresa que juntamente com a *Japan Post Group*, uma empresa japonesa que declarou a iniciativa de fornecer até 5 milhões de *iPads* para os idosos daquele país. O objetivo é “melhorar a qualidade de vida” para milhões de pessoas idosas na *Terra do sol nascente*” (ENGADGET, p. 1).

Com o título *Aumenta o número de idosos que acessam a internet no Brasil*³, publicado pelo site de notícias G1 da Rede Globo, reportagem mostra alguns usuários fazendo relatos das motivações e benefícios de estar aprendendo ou já utilizando a internet. O engenheiro agrônomo Fernando Penteado Cardoso (Figura 1), de 101 anos, diz: “É um privilégio que a tecnologia tornou acessível para pessoas que não podem estar viajando mais. Fico a pensar que tudo decorre da inteligência humana que inventou essa tecnologia”.

Fig. 1 - Fernando Cardoso, Eng. Agrônomo, 101 anos.



Fonte: G1 (2016).

Fig. 2 - Elaine Marquezine, Cientista Social, 89 anos.



Fonte: G1 (2016).

Na mesma reportagem, há o depoimento da cientista social Elaine Marquezine (Figura 2), de 89 anos: “O notebook tô usando menos, mas pretendo usar mais por causa do Skipe (sic). Como minhas filhas trabalham, é só a noite, lá pelas 22h, que a gente pode se comunicar. Não tenho usado porque já fico cansada e quero ir pra cama. Agora o tablet eu uso pra fazer e-mail, tenho alguns emails de amigas, gente do interior. Então eu uso o tablete (sic), que é mais fácil pra (sic) carregar e tudo”.

² Reportagem de Priscila Natividade, publicada em 2 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/VXhG5g>> Acesso em 2 ago. 2016.

³ Disponível em: <<http://goo.gl/s7s10h>> Acesso em 31 jul. 2016.

O interesse é crescente e, além das instituições, ONGs e escolas é importante ressaltar que o apoio familiar para essa disposição é de fundamental importância para o desenvolvimento e suporte criativo dos idosos. Com o título *O nascimento digital de uma baby boomer (e porque isso é maravilhoso)*, o publicitário Rodrigo Turra descreve como sua avó paterna Lília (Figura 3), com 70 e poucos anos, conheceu e se apaixonou pelo seu “nascimento digital” (descrição do Rodrigo).

Fig. 3 – Vó Lília



Fonte: Medium (2016)⁴.

O publicitário comenta, ainda: “Apesar de morar com ela, sinto que a nossa conexão melhorou depois de ela ter nascido digitalmente”. Relata também que ficou muito mais fácil de conversar inclusive sobre algum aplicativo ou alguma série de TV.

Considerações Finais

A velhice se caracteriza por ser um processo subjetivo, que implica em um conjunto de dimensões biológicas, fisiológicas, psicológicas, socioculturais, econômicas, educacionais e políticas. Não existe um ser velho, mas um ser envelhecendo. Ainda que seja um percurso individual, é preciso admitir que o processo de envelhecimento e a inclusão digital são temas complexos, possuem múltiplas dimensões e, apesar das conquistas, ainda é lenta a aproximação entre os dois contextos.

A neurociência parece caminhar em direção a revelações que indicam que a idade avançada não significa, necessariamente, perda cognitiva e/ou incapacidade de manutenção de desempenho intelectual. As interpretações de caráter sociocultural apontam para o envelhecimento ativo como sendo um mecanismo fundamental para a manutenção do processo de aprendizado. Quanto ao aspecto psicológico, há o ganho na criatividade, segurança e autorrealização. É relevante observar que os avanços tecnológicos produziram mudanças de comportamentos a essa parcela da população, visto que o meio virtual chegou como alternativa

⁴ Disponível em: <<https://goo.gl/42BvA7>>. Acesso em 20 jul. 2016.

de comunicação e inserção social, justamente por isso, estes mesmos avanços tecnológicos beneficiam-se, já que com base na produção de saberes compartilhados serão elaboradas novas ferramentas com a finalidade de facilitar o acesso dos idosos ao mundo virtual.

O fato é que há emergência em contextualizar propostas de inclusão digital às pessoas da terceira idade uma vez que, através dos estudos e pesquisas, percebe-se que quando apoiados no conhecimento digital (mesmo que de forma básica), os idosos amplificam e enriquecem seu repertório de conhecimento, do mesmo modo que a familiaridade no ambiente virtual proporciona melhora nos aspectos psicológicos, físicos, neurológicos e sociais, promovendo o aumento da autoestima e segurança, para melhor administrar e especialmente (re)adquirir autonomia para gerenciar sua vida.

Ainda que a legislação brasileira garanta a inclusão digital para a terceira idade, é necessário um olhar mais atento sobre essa questão no que se refere aos aparatos pedagógicos como livros e materiais didáticos com dinâmica específica para idosos, bem como aumentar o alcance de disponibilidades para o público de baixa renda. Neste ponto de vista, pode-se dizer que o prognóstico quanto ao crescimento na área de inclusão digital é reservado, já que, apesar de existirem, ainda são poucos locais para dar suporte tecnológico e com alcance limitado por enquanto. No entanto, no que depender do sujeito da terceira idade, o prognóstico torna-se favorável e com perspectiva de sucesso já que as performances desse ator social têm demonstrado franco crescimento nos aspectos aprendizado e superação.

Referências

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Vida a crédito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ESTATUTO DO IDOSO. Disponível em: <<http://goo.gl/d5KQ6d>>. Acesso em 20 de jul. 2016.

FERREIRA, J. **Dislexia e Outros distúrbios da Leitura-Escrita**. In: Zorzi, J.; Capellini. S. Organização Funcional do Cérebro no processo de aprender. São José dos Campos: Pulso, 2009.

FREIRE, F. Jornal Hoje. Aumenta o número de idosos que acessam a internet no Brasil. **G1**. 27 de julho de 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/OT9Jw2>> Acesso em 27 jun. 2016.

HENKEL, M. D. **Pesquisa Nacional 60+ e a internet**. Porto Alegre. 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/efq37t>> Acesso em 27 jul.2016.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tendências demográficas. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios**. Disponível em: <<http://goo.gl/Ew3S>>. Acesso em 18 jul. 2016.

KACHAR, V. **Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 131-147, nov., 2010.

KEPERMANN, G; GAGE, F.H. Novos neurônios no cérebro humano. **Revista Scientific American**. s/d. Disponível em: <<http://goo.gl/x8Z3RZ>>. Acesso em 28 de jul. 2016.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LIMA-COSTA, M. F.; VERAS, R. Saúde pública e envelhecimento. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro. v.19, n.3, p.700-7001, jun. 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARQUIONI, C. E. Quando a TV vai além da sala de estar: por uma análise cultural dos usos de novos dispositivos tecnológicos. **Revista Geminis**, v.1, n.4, 2013.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. São Paulo: Aleph, 1999.

MOSQUERA, J; J; M. Análise Crítica da Educação através de características psicossociais do seu desenvolvimento. **Educação**, Porto Alegre, v.8, n.9, p.17-32, 1985.

NETTO, M. P. O estudo da velhice no sec. XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: Freitas E. et al (orgs.) **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002. p. 2-12.

OMS. **Relatório Mundial de envelhecimento e saúde**. Disponível em: <<http://goo.gl/qqOsg0>> Acesso em: 19 jul. 2016.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, terceira idade. In: BARROS, M. M. L. B. (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PRADO, W. Unati desperta o sentido da vida dos alunos. In: **ODIARIO.COM**. Disponível em: <<http://goo.gl/0quA4H>>. Acesso em 25 jul. 2016.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Hist.cienc.saude**, Manguinhos, v.15, n.1, p.155-168, mar., 2008.

STACHESKI, D. R. **Idosos e a “A Nova Cara da 3ª Idade”**: Redes Digitais, Voz e a Refração de Estigmas Sociais. Anais do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/iarr9y>> Acesso em 25 jul.2016.

TURRA, R. **O nascimento digital de uma baby boomer (e porque isso é maravilhoso)**. Disponível em: <<https://goo.gl/5pVoBH>>. Acesso em: 20 jul.2016.

WAJNSZTEJN, A. C.; WAJNSZTEJN, R. **Dificuldades Escolares: um desafio superável**. São Paulo: Artemis, 2009.